

EXPLICANDO O LUTO ANIMAL PARA A CRIANÇA AUTISTA

EXPLAINING ANIMAL GRIEF TO AUTISTIC CHILDREN

Michele Aparecida Menegon¹

Resumo: O fim da infância, da juventude, a saída de um ente querido de nossa casa, o fim de um relacionamento amoroso, o fim de uma fase, a perda da saúde, o fim de uma amizade especial, são perdas que muitas vezes, não estamos preparados para lidar. Quando se fala de morte, principalmente, pois nossa cultura não fala muito sobre esse tema. A dor é algo muito subjetivo, significando que cada um tem uma vivência referente àquilo que perdeu em sua vida. Portanto, este tema precisa ser falado, de uma maneira ampla, mas aqui, focando no luto animal, que é ainda mais pouco falado e pouco compreendido.

Palavras chaves: autismo, luto animal, criança

Abstract: The end of childhood, youth, the departure of a loved one from our home, the end of a loving relationship, the end of a phase, the loss of health, the end of a special friendship, are losses that often , we are not prepared to deal. When we talk about death, especially because our culture doesn't talk much about this topic. Pain is something very subjective, meaning that everyone has an experience regarding what they lost in their life. Therefore, this topic needs to be talked about, in a broad way, but here, focusing on animal grief, which is even less talked about and little understood.

¹ Psicóloga, neuropsicóloga e equoterapeuta. Atendimento a crianças típicas e atípicas há 10 anos. Palestrante sobre síndrome de down, pesquisadora, graduanda em fonoaudiologia. Pós graduações na área de neurociências, ABA, intervenções precoces e em psicologia do luto.



Keywords: autism, animal grief, child

INTRODUÇÃO

Quando perdemos alguém, nunca é algo fácil de se lidar, principalmente porque nossa cultura não nos prepara para isso. Além do mais, nosso país é predominantemente cristão, e tem o termo “vida eterna”, e muitas vezes, levamos isso ao pé da letra, não é mesmo? Tenho certeza de que se muitos de nós tivéssemos a oportunidade de nossos entes queridos ficarem conosco para sempre, aproveitaríamos. Mas na vida real não é assim. Em algum momento, estamos sucessíveis a passar por perdas, de várias formas: perda de emprego, perda de ter chance com alguém, término de um relacionamento amoroso, perda de um emprego, falecimento de uma pessoa amada, mas tem um luto que é pouco discutido, mas bastante dolorido: o luto animal.

Sim. Quando um animalzinho vem a óbito, a dor é praticamente a mesma de quando uma pessoa se vai. E porque não falar que pode ser até maior? Sim, pois afinal de contas, estamos vivendo num mundo onde as pessoas estão cada vez mais se distanciando umas das outras, e quando se aproximam, em alguns casos, tem algum interesse. Fora que existem pessoas que decepcionam, sem exitar.

Quando falamos do amor animal, muitas vezes, este vem de graça, sem interesse material, pois se você dormir no chão, o cão dormirá com você; se você estiver chateado, o gato vai esfregar em você; quando você chegar no trabalho, seu porquinho da índia fará cui cui, pois está feliz com sua chegada; se você chega perto de um cavalo, ele vai relinchar de alegria por ver você.

Com todas essas características, ainda existem dúvidas sobre esse amor? Então, será que não merecem que vivamos o luto por eles? Este luto que, muitas vezes é negligenciado pela própria sociedade, pois tem quem fale: “não chore, é somente um cachorro”. E sabemos que não é bem assim. Luto é algo que precisa de respeito, sempre. Portanto, vamos falar a respeito deste tema, trazendo alguns aspectos, a fim de melhor refletir sobre os mesmos.



JUSTIFICATIVA

A reflexão deste trabalho se faz importante, ainda mais devido um dado importante, segundo site Forbes (Lima, 2022), o Brasil é o terceiro país com mais pets. Ou seja: 70% da nossa população tem animais de estimação. Isso se dá pelo fato de que muitas pessoas estão optando por não terem filhos, e acabam preferindo os animais. Ou, mesmo quando se tem filhos, acabam optando por terem pets, justamente para que seus filhos passem a ter mais convivência com animais.

Segundo dados (Santos et al, 2016), crianças que convivem e crescem com animais se tornam pessoas mais afetivas, solidárias, sensíveis, com mais responsabilidade, além de entendem e aprender mais sobre a questão da morte.

Não podemos esquecer que cada vez mais as pessoas usam animais como assistência emocional. Os Animais de Assistência Emocional (esan) são animais que oferecem conforto e ajudam no controle de doenças psiquiátricas, como depressão e ansiedade, fornecendo apoio ao seu detentor. É comum utilizarem-se principalmente cães de assistência emocional, uma vez que são fáceis de treinar, mas qualquer animal pode ser usado (Prata, 2021).

Não podemos nos esquecer também dos animais usados em Pet Terapias, pois estes são extremamente importantes na reabilitação de muitos pacientes, e acabam ocupando lugares muito importantes na vida destas pessoas. Portanto, a morte destes animais, por inúmeras vezes, ocupa um vazio na vida destes pacientes, que por vezes, demora para ser preenchido.

Falando sobre o luto...

K. Ross (1985) diz que existem as seguintes fases do luto:



Fase 1) Negação:

Seria uma defesa psíquica que faz com que o indivíduo acaba negando o problema, tenta encontrar algum jeito de não entrar em contato com a realidade seja da morte de um ente querido ou da perda de emprego. É comum a pessoa também não querer falar sobre o assunto.

Fase 2) Raiva:

Nessa fase o indivíduo se revolta com o mundo, se sente injustiçada e não se conforma por passar por isso.

Fase 3) Barganha:

Essa é fase que o indivíduo começa a negociar, começando com si mesmo, acaba querendo dizer que será uma pessoa melhor se sair daquela situação, faz promessas a Deus. É como o discurso “Vou ser uma pessoa melhor, serei mais gentil e simpático com as pessoas, irei ter uma vida saudável.”

Fase 4) Depressão:

Já nessa fase a pessoa se retira para seu mundo interno, se isolando, melancólica e se sentindo impotente diante da situação.

Fase 5) Aceitação:

É o estágio em que o indivíduo não tem desespero e consegue enxergar a realidade como realmente é, ficando pronto pra enfrentar a perda ou a morte.



Estas fases não precisam necessariamente ocorrer nesta ordem, e o indivíduo nem precisa passar por todas elas.

K. Ross (1985) descreve a fase do luto como um estágio de debilitação e de tristeza profunda, acompanhados de muita solidão e saudade. Sendo assim, é de total importância que o paciente tenha acompanhamento para melhor lidar com esta questão, através de um atendimento psicoterapêutico especializado, na intenção de melhor prevenir uma depressão, já que esta muitas vezes pode surgir de maneira silenciosa, sem mesmo dar grandes sinais, principalmente dependendo do vínculo que enlutado possuía com quem partiu.

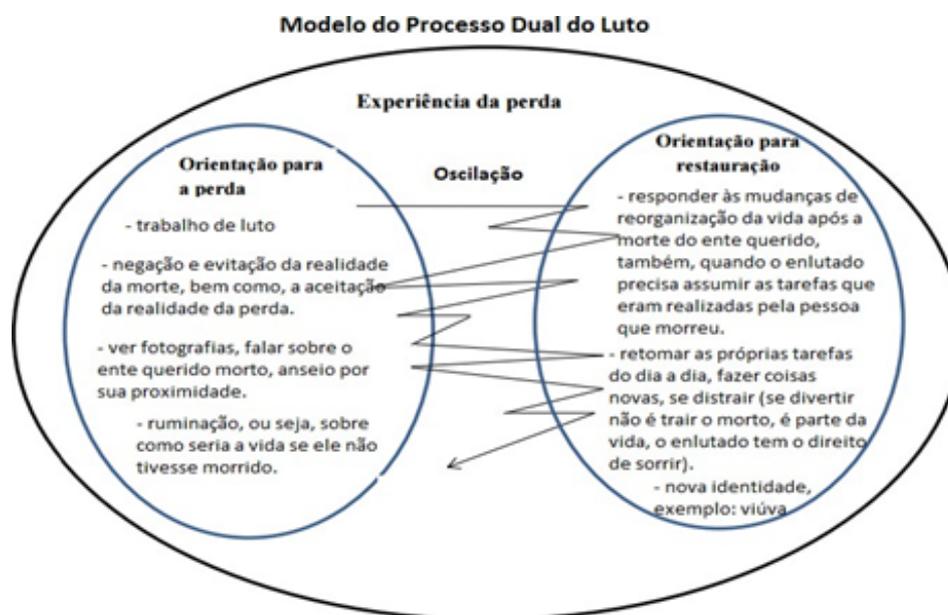
Bouso (2011) diz que o luto é uma das áreas da Tanatologia, sendo compreendido como uma reação natural, frente ao rompimento de um vínculo, referindo -se a um processo de elaboração de uma perda muito significativa. É um processo dinâmico, individualizado e pessoal, onde envolve sofrimento emocional e uma tristeza profunda.

John Bowlby considera que a partir do rompimento do vínculo o processo de luto ocorre em quatro fases, que não necessariamente se apresentam de forma ordenada: fase de entorpecimento ou choque, podendo acompanhar manifestações de raiva e desespero; fase da busca da figura perdida; fase da desorganização e desespero, com sentimentos como tristeza, apatia e angústia de modo mais intenso e fase da reorganização (Bowlby, 1985).

Contrapondo a visão do luto enquanto um fenômeno físico e defendendo a posição de um processo dinâmico, Stroebe e Schut desenvolveram a Modelo do Processo Dual do Luto com o objetivo de compreender como as pessoas se adaptam/enfrentam a perda de uma pessoa significativa em sua vida. Este modelo especifica a oscilação entre dois movimentos no processo de luto: a orientação para a perda e a orientação para restauração. Isto se deve ao fato de o indivíduo enlutado não apenas enfrentar a perda de uma pessoa amada, mas também precisar fazer ajustes importantes em sua vida devido as consequências secundárias da morte. Dessa forma, a orientação voltada para a perda diz respeito a comportamentos do enlutado relacionados a algum aspecto da experiência da perda em si,



mais particularmente com relação à pessoa falecida, como por exemplo, as lembranças do enlutado referente à pessoa que morreu, à vivências com esta pessoa, chorar a morte, sentimento de saudade, olhar uma fotografia, entre outros. O segundo, por outro lado, refere-se à uma concentração do enlutado ao ajustamento das mudanças substanciais que são consequências secundárias da perda do ente querido, como por exemplo, realizar tarefas que tinha se comprometido, ou realizar tarefas que antes o ente querido realizava.



Em seu artigo, Nascimento (2015) informa que Worden afirma que o luto é classificado como processo universal, na qual resulta da perda de um objeto de apego, onde produz vários sentimentos e comportamentos voltados ao restabelecimento da relação com o objeto perdido, como também é presente em animais. Vamos supor que influências biológicas passem a interferir nas respostas instintivas de separação. Quando se refere a humanos, os fatores culturais também influenciam e moldam nosso comportamento diante de uma perda. Em alguns países, como no México, por exemplo, existe a festa dos mortos, onde se comemora o dia dos mortos. Em outros, rituais religiosos são bem presentes. Não podemos esquecer que cada processo de luto é único, e que a natureza do vínculo influencia e muito no comportamento do enlutado.



Em seu livro, Housden (2003), que fala sobre sua filha de três anos, que faleceu devido ao câncer, diz que sua filha lhe ensinou que existe uma morte muito mais dolorosa do que a que leva seu corpo deste mundo: uma alma sufocada, por medos e que acaba deixando muitas alegrias, por medo de viver. Essa mãe mantinha os sapatinhos vermelhos que sua filha usava, intactos, pois eram como se fosse uma dádiva.

Sim. Muitas pessoas acabam mantendo objetos de entes queridos, que já partiram, como se fosse uma espécie de ritual, para que a memória deste ente querido permaneça intacta. Isso, na verdade, é uma maneira de lidar com o luto.

Quintana (2022), em seu livro, comenta sobre as pessoas que tem medo da morte, porém, nos faz refletir sobre o seguinte: como estas pessoas têm lidado com a sua vida? Elas bebem demais? Se alimentam bem? Fumam? Trabalham excessivamente? Se estressam com facilidade? Guardam rancor? Ela ainda fala da seguinte maneira:

“Podemos tentar acreditar que enganamos a morte, mas somos ignorantes demais para tal feito. Não morremos no dia da nossa morte, mas morremos a cada dia que vivemos, conscientes ou não de estarmos vivos. Mas morremos mais depressa, a cada dia que vivemos privamos dessa consciência. Morremos antes da morte quando nos abandonarmos. Morremos depois da morte quando nos esquecerem.”

Com esta fala, podemos refletir sobre o fato de que estamos vivendo, porém, será que estamos vivendo da maneira correta? Será que estamos aproveitando, de forma saudável, a nossa vida? Pois muitas vezes, deixamos para daqui a uma hora, para amanhã, para semana que vem, para mês que vem, para o ano que vem, etc, algo que podemos fazer exatamente agora, sem se darmos conta de que, a vida é agora, e temos que vivê-la.

Em um artigo, Lopes (2011) diz que a Covid-19 provocou número elevado de perdas e mudanças nos processos de cuidado e despedida, fatores que podem dificultar a elaboração do luto. Objetivamos, assim, compreender as particularidades do luto no âmbito da Covid-19, ressaltando a



importância da adaptação e da criação de estratégias voltadas ao cuidado da saúde mental nos processos de luto. O ensaio realiza um panorama teórico, indicando elementos presentes na pandemia com potencial para interferir no luto, e apresenta um levantamento de iniciativas adaptadas a tal contexto. A pandemia trouxe mudanças na forma de experienciar o morrer. Evidenciam-se iniciativas na tentativa de mitigar os efeitos emocionais, cognitivos e comportamentais. O momento convoca a repensar conceitos e (re)criar compreensões acerca da morte e do luto, ressaltando-se a importância da Rede de Saúde Mental, com o fortalecimento de ações de base sociocomunitária, reconhecimento de diferentes níveis de complexidade das demandas e acesso organizado à atenção especializada. Ou seja, podemos dizer a Covid – 19 nos fez refletir sobre algumas coisas, entre elas: como estamos vivendo nossa vida? Estamos aproveitando da maneira correta? Sim, pois esta pandemia ocorreu de uma maneira na qual ninguém estava, de fato, esperando. Um dia, tudo normal, funcionando; noutro dia, tudo fechado e restrito, além da insegurança sobre o que poderia acontecer conosco e com as pessoas que amamos.

Mas, e quando falamos de um luto que muitas vezes, muitos não compreendem? Um luto que, por vezes, é negligenciado, justamente pelo fato de que muitas pessoas não compreendem e por conta disso, fazem até julgamentos? Sim. Estamos falando a respeito do Luto Animal.

Quem perde um animal sabe o quanto é triste e difícil, e mais triste e difícil ainda quando tem alguém que julga, como se perder um bichinho não fosse nada. Mas, para entender sobre essa dor, vamos falar sobre essa relação entre homem X animal, que é tão antiga quanto a nossa própria civilização.

Relação Homem X Animal

Roberts (1996), que praticamente cresceu ao lado dos cavalos, tinha uma habilidade com estes animais. Ele, que nasceu no meio da Grande Depressão, na cidade de Salinas, Califórnia, e, 14 de maio de 1935, subiu em uma sela de cavalo antes de um ano de idade, pois sua mãe dava aulas de equitação. Com seus dois anos, sua diversão e hobby já era ficar montado neste animal. E com esta



idade, ganhou seu primeiro cavalo, Ginger, com 17 anos de idade, que tinha temperamento disciplinado. Foi, na verdade, seu professor. O pai de Roberts percebeu a habilidade de seu filho, com menos de três anos de idade, para conduzir um animal de meia tonelada. Já nesta época, ele participava de campeonatos, e pasmem: se saía muito bem. Tanto ele quanto sua família passaram a ter boa reputação, tanto que Roberts é conhecido como “O encantador de cavalos”, para muitas pessoas.

Rossi (2015), que atua com adestramento, explica que é importante que o animal obedeça, mas para que chegue neste nível, tudo deve ser obtido por meio da consideração e da dignidade, ou seja: precisamos aprender a língua do nosso animal, para que este saiba aonde queremos chegar com ele. adestrar um animal é algo importante, pois tanto dono quanto o animal em questão ficam felizes. O animal raciocina e sente, reagindo conforme as reações ao qual ele vive. Por isso, é importante que o dono compreenda seu animal. Ele destaca a importância de trocar a nomenclatura “dono” por “tutor”, pois eleva o cão para que este seja um membro da família.

Capote e Costa (2014) compilam pesquisas e trabalhos relacionados à utilização do animal para promover o bem-estar e melhoria do desenvolvimento de humanos. O vínculo idosos-animais vem sendo estudado desde o século passado. Em 1974, Mugford e M’Comisk (como citado em Capote & Costa, 2011, p. 34-35), verificaram que a presença desses seres estava associada a um aumento na socialização das pessoas com seus familiares e amigos, ocasionando assim, um maior número de visitas em seus lares.

Ainda, neste tipo de relação específica, Ory e Goldberg (1983) em estudo de comparação de grupos avaliaram a qualidade de vida de mulheres idosas que possuíam animais de estimação em comparação a mulheres idosas que não possuíam. O resultado obtido foi a correlação positiva entre felicidade e ter animais de estimação, portanto, quem tinha animais relatou ser mais feliz do que quem não tinha, essas se caracterizaram como infelizes.

Existem alguns casos que se tornaram bem conhecidos sobre a relação de humanos e animais. Vamos lembrar de alguns?



1- Gato Bob

Este gato, de pelagem alaranjada, que usava um cachecol, foi importante ajuda para seu sono, James Bowen, que vivia nas Ruas da Inglaterra, usuário de drogas. Vamos dizer que Bob “escolheu” James e assim o salvou de seu vício. A história virou livro: “Um gato de rua chamado Bob”.

Bob faleceu em 27 de junho de 2020.

2- Lava, um cãozinho em meio à guerra

O Tenente-coronel Jay Kopelman transporta-nos para as emocionantes aventuras por que passou, na tentativa de resgatar o pequeno Lava do cenário de guerra, no Iraque. Nesta obra chamada “De Bagdá com muito amor”, podemos aprender, de maneira singular, como a relação homem X animal pode amenizar os medos que uma guerra pode trazer.

3- Jessi-cat, a gatinha que ajudou o garoto autista

A inglesa Janye Dillon nos conta a história de seu filho Lorcan, que é autista e mutismo seletivo, que é uma condição onde a pessoa não fala, em determinadas situações.

No livro “Os gatos nunca mentem sobre o amor”, a autora fala sobre como Jessi-Cat ajudou seu filho.

4- Marley, cão de liquidação

Na obra “Marley e eu”, que conta a história de John e Jenny, um casal recém casado, que antes de terem filhos optam por terem um cão, e aí, tudo acontece, inclusive como eles devem aprender a arte da paciência, da resiliência e do amor. Ele foi adquirido e estava mais barato que seus irmãos,



sendo um caõzinho de liquidação.

5- Hachiko, o cão japonês

O cão da raça Akita, ficou conhecido através do filme “Sempre a seu lado” por aguardar seu tutor, já falecido, por mais de nove anos. Este feito foi tão marcante que o cão possui uma estátua em sua homenagem, sendo símbolo de amor e lealdade, ensinando muitos de nós, seres humanos, que estes dois sentimentos são extremamente importantes.

6 – Estopinha, primeira pet influencer brasileira

Alexandre Rossi, adestrador, mostrava sua vida com sua cachorra, SRD, Estopinha.

Através de quadros de programas de TV, dava dicas aos tutores de Pet, sobre como lidar com determinados comportamentos animal. Em 20 de setembro de 2022, Estopinha vem a óbito, causando comoção nacional e ate mesmo internacional, pois muitos tutores passam a se identificar com a relação que Alexandre tinha com a cachorra.

7 – Francisquinha, a gata mal humorada

Francisquinha é uma gata SRD, preta, de 14 anos, com nanismo. Considerada Pet Influencer, pois seu dia a dia é mostrado em redes sociais. Recentemente, a gata apresenta problema de visão, acometendo praticamente 100% da mesma, além de terem descoberto um câncer em estágio já avançado.

A tutora de Francisquinha sempre posta nas redes sociais sobre a importância em aproveitar os momentos com os Pets, pois a cada dia que passa, este momento pode ser o último.



Recentemente, as manchetes brasileiras falaram sobre o caso do cãozinho Fox, que foi vítima da maldade humana, na qual um homem usou seu cão como arma, para ferir Fox, chegando a arrancar seu focinho. O cãozinho, da raça spitz alemão ou lulu da pomerânia, foi atacado por um cão da raça bull terrier.

O tutor do bull terrier já está sendo procurado, pois este encontra – se foragido.

Este acontecimento gerou uma série de comoção e com isso, estão avaliando a criação da Lei Fox, onde se torna terminantemente proibido ter um animal para que este seja criado como arma letal.

Através de todas estas informações, podemos ter certeza de uma coisa: a maneira como as pessoas tratam os animais, remete como estas pessoas tratam outros seres humanos. Sim, pois se alguém é capaz de maltratar um ser indeciso, pode fazer o mesmo com um ser humano indeciso, como uma criança, uma pessoa com deficiência, um idoso, etc.

Azambuja (2019) ressalta que o egocentrismo ainda é cultivado pelos seres humanos, pois muitas vezes esquecemos que também somos animais, esquecendo que existe uma classificação taxonômica:

REINO	Animália
FILO	Chordata
SUBFILO	Vertebrata
CLASSE	Mammalia
ORDEM	Primata
FAMILIA	Hominidae
SUBFAMILIA	Homininae
GENERO	Homo
ESPECIE	Homo Sapiens
SUBESPECIE	Homo Sapiens Sapiens

Podemos dizer, conforme Azambuja (2019), que o orgulho de espécie que afeta o homem foi combatido por camille Flammarion, que diz que a origem do corpo não diminui em nada a nossa condição.

Mas, você já fez a pergunta: “ por que existem os animais?” se eles são importantes, por qual motivo existem os animais peçonhentos, como cobras? Prada¹⁶ faz a seguinte reflexão: nós já existimos neles. Não há animal de um lado e nós, seres humanos, de outro. Somos seres, dentro de nossa



essência, em processo de plena evolução.

Mas, afinal, por qual motivo este assunto está sendo falado em um trabalho sobre luto animal? O motivo é simples: O luto animal é desvalorizado. Quando choramos a morte de um animal de estimação, pessoas ainda fazem comentários pejorativos, do tipo: “era só um cachorro” ou “pega outro depois”, e não é bem assim. Perder um animal dói tanto quanto perder uma pessoa. Inclusive, pessoas comparam a dor como algo semelhante. E sim, a relação homem X animal é algo que existe há muito tempo.

De forma cultural, a morte é representada de várias maneiras, o que acaba gerando vários recursos para falar sobre esse assunto, principalmente com as crianças. Apesar de sabermos que a finitude é algo que é presente em todos, pois nenhum ser é eterno, esse assunto ainda é difícil para lidar, em especial, com as crianças, pois nossa primeira reação é sempre defendê-las. Esquecemos que as crianças possuem uma forte resiliência (2016).

Mas... e como explicamos para uma criança autista que tinha um bichinho de estimação, que ele não está mais entre nós? Não apenas um bichinho de estimação, mas se a criança realiza a pet terapia, quando os animais são co-terapeutas, ela pode sofrer quando este vem a óbito.

Primeira coisa que temos que ter muito claro: pessoas com autismo são totalmente concretas, portanto: se tentar dar muitos rodeios, ela não entenderá. O que pode funcionar, é explicar, de forma simples, mas bem entendível, que seu amigo não está mais neste mundo. Se a criança tem bom cognitivo e idade para aprender, é importante que ela saiba o significado biológico da morte. Agora, se for pequena, e/ou com deficit cognitivo, podemos experimentar ilustrações, como esta abaixo:





De forma ilustrativa, mostramos que o amigo de quatro patas agora é um anjo, que está no céu, e embora não podemos vê-lo, ele nos vê.

Claro que isso não é uma regra.

- Até os 3 anos: a morte é entendida como a ausência ou a falta de alguém, algo que pode ser reversível;
- Dos 3 aos 7 anos: a morte ainda é vista como a ausência de alguém, mas que não volta mais;
- A partir dos 7 anos: a morte começa a ter o seu significado de finitude, algo que aconteceu, é inevitável e irreversível.

(Fonte: Como explicar a morte para as crianças? | Drauzio Varella - Drauzio Varella (uol.com.br) .



Não podemos esquecer, principalmente, que independente de diagnóstico, até os sete anos a criança vive um mundo de fantasias, portanto, o luto deve ser explicado de maneira paciente e clara, mas sem causar maiores traumas.

Conclusão

O luto animal é um assunto que precisa ser revisto, pois ainda é negligenciado, afinal, muitos não entendem que o sentimento da perda é algo dolorido, que nos dá grande sentimento de tristeza.

A relação homem X animal sempre existiu, e com isso, a perda de um pet sempre estará presente, e precisamos entender que o luto é algo que precisa ser compreendido e respeitado. O luto animal ainda é negligenciado, provavelmente pelo fato de que quem não entende nunca teve este amor, que é puro e sem interesse.

Quando se trata de uma criança atípica, que perde este amigo, aí, devemos ter mais sensibilidade em lidar com o assunto.

Portanto, se faz importante falar mais sobre este assunto com as crianças.

Referências bibliográficas:

LIMA, MONIQUE. Brasil é o terceiro país com mais pets; setor fatura R\$ 52 milhões. Forbes.com.br, 4 de outubro de 2022. Disponível em: Brasil é o terceiro país com mais pets; setor fatura R\$ 52 bilhões – Forbes;

SANTOS, MCP; GIUMELLI, RD. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. Revista e abordagem gestálica. Vol. 22. Goiânia, Jun. 2016;

PRATA, JOANA. O que são Animais de Assistência Emocional (esan)? Omeuanimal.com. 01 de janeiro de 2021. Disponível em: O que são Animais de Assistência Emocional (esan)? – O Meu Animal;



- Kubler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.
- Bouso, R. S. (2011). A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), VII-VIII.
- Bowlby, J. (1985). *Perda: tristeza e depressão. Apego e perda*. São Paulo: Martins Fontes Editora
- Stroebe, M., & Schut, H. (2010). The dual process model of coping with bereavement: a decade on. *Omega*, 61(4), 273-289. <http://dx.doi.org/10.2190/OM.61.4.b>.
- Nascimento, D.G, Nasser, G.M, Amorim,C.A. Luto: uma perspectiva da terapia analítico#comportamental. doi: 10.7213/psicol.argum.33.083.AO01
- HOUSDEN, M. *A Dádiva de Hannah: Lições de uma vida cortada aos três anos e plenamente vivida*. Ed. Novo Paradigma. São Paulo. 2003.
- ARANTES, A.C.Q. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Ed. Sextante. RJ. 2016 e 2022.
- LOPES, F.G; LIMA, M.J.V; ARRAIS, R.H; AMARAL, N.D. A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19. *sicologia USP*, 2021, volume 32, e210112.
- ROBERTS, M. *O homem que ouve cavalos*. Catalogação na publicação do sindicato nacional dos editores de livros, RJ. Tradução de: *The man who listens to horses*. RJ. 1996.
- ROSSI, A. *Adestramento Inteligente: como treinar seu cão e resolver problemas de comportamento*. Ed. Benvirá. SP. 2015.
- Capote, P. S. O. (2009). *Terapia Assistida por Animais (TAA) e deficiência mental: análise do desenvolvimento motor*. (Dissertação de mestrado não publicada).
- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. Recuperado em 03 novembro, 2014, de <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp144972.pdf>
- Azambuja, R.C (2019). *Animais e espiritismo*. Clube do livro letra espírita. Capivari, SP.



Prada, I.L.S. A questão espiritual dos animais. Ed. Jornalística. SP. 2018.

Yamaura, LPM; Veronez, FS. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. Psicol. hosp. (São Paulo) vol.14 no.1 São Paulo jan./jun. 2016.

